



## A INSERÇÃO DA LIBRAS NO AMBIENTE ESCOLAR PARA A CONSTRUÇÃO DE UM AMBIENTE INCLUSIVO

Joice Caroline da Silva<sup>1</sup>  
André Liboreiro dos Santos<sup>2</sup>  
Maria Luiza Guedes Gama Santos<sup>3</sup>  
Daniele Silva<sup>4</sup>  
Raissa Rosa da Silva<sup>5</sup>

### RESUMO

A educação inclusiva é pauta de diversas discussões dentro da educação como um todo e é direito garantido por qualquer pessoa com deficiência. Porém, pouco se vê na prática quando se trata da integração desses alunos com os demais. O objetivo deste trabalho é discutir sobre a inclusão de alunos surdos com a utilização da Libras em sala de aula, perpassando sobre a necessidade de integração dela com o cotidiano de todos os alunos presentes, criando um ambiente inclusivo. Evidencia-se tamanha importância na exposição e análise do projeto “Sinaliza Já” do Professor André Liboreiro da rede municipal de Cariacica - ES que, ao apresentar e inserir a Libras na rotina da escola, obteve como resultado o interesse dos alunos sobre o tema, a vontade e a tentativa deles em aprender a língua de sinais, a chegada de um profissional TIL e um professor de Libras na escola e o desenvolvimento de materiais de matemática mais visuais e manipuláveis para auxiliar no desenvolvimento de todos integralmente.

**Palavras-chave:** Ensino fundamental, matemática, Projeto.

### INTRODUÇÃO

Muitos trabalhos na área da educação apresentam discussões e práticas de ensino direcionadas para a inclusão do aluno surdo. Contudo, nota-se que ainda é um desafio para escolas e educadores criar um espaço onde a inclusão ocorre de fato. Nota-se que, em muitos casos, o monolinguismo e a ausência de diálogo entre educador e Tradutor Intérprete de Libras (TIL) permitem apenas a assistência.

---

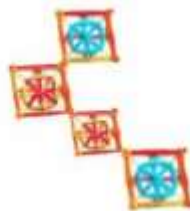
<sup>1</sup> Mestre pelo curso de Ensino de Ciências da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, [joicejss.555@gmail.com](mailto:joicejss.555@gmail.com);

<sup>2</sup> Licenciado em matemática pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - Cefet-MG, [andreliboreiro@gmail.com](mailto:andreliboreiro@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduada em Humanidades pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, [malluugama@gmail.com](mailto:malluugama@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduada pelo Curso de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ, [danielesilva.eng@gmail.com](mailto:danielesilva.eng@gmail.com);

<sup>5</sup> Graduada em Ciências Biológicas Licenciatura pela Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL, [raissa.rosabio@gmail.com](mailto:raissa.rosabio@gmail.com).



A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como língua em 2002 pela Lei nº.10436 (BRASIL, 2002). A lei também estabelece que o poder público deverá apoiar o uso e a difusão da Libras como meio de comunicação. Sua regulamentação ocorreu em 2005 com o decreto 5526/2005 (BRASIL, 2005) o qual favorece um avanço na educação de alunos Surdos com a inserção da Libras como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores e a garantia a inclusão por meio da organização de escolas e classes bilíngues. Ainda segundo o decreto, as instituições deverão disponibilizar Tradutores Intérpretes de Libras para viabilizar a comunicação.

Contudo, torna-se necessário compreender que a função do intérprete é distinta da função do professor. O TIL media a comunicação entre o educador e o aluno, buscando interpretar os conceitos da forma mais coerente possível. Assim, para compreender o que é apresentado, ele precisa dialogar com o professor e, em alguns casos, pesquisar sobre o que será estudado para facilitar o aprendizado do aluno (VERAS, 2020). Isso converge com Porto e Rios (2019) que analisaram a atuação de Tradutores Intérprete de Libras (TILs) na disciplina de matemática do ensino superior na região Sul do Rio Grande do Sul. A fala desses profissionais indicou que muitos professores ainda não compreendem o verdadeiro papel do intérprete e não se envolvem no processo educativo do aluno Surdo. Essa lacuna na interação dentro da sala de aula dificulta a inclusão do aluno e o sentimento de pertencimento dele dentro da turma. Além disso, os TIL's enfatizaram a necessidade de estreitar as discussões sobre as metodologias e atividades junto aos professores regentes. Nota-se, então, que o papel do TIL como mediador da comunicação entre o aluno e o professor, que é o educador nesse processo, ainda não está claro para alguns educadores

Frente ao exposto, percebe-se que verdadeira inclusão não é alcançada apenas com a presença de TIL's, profissionais especializados na educação especial ou mudanças na estrutura física. Acreditamos que todos devem ser envolvidos nesse processo, principalmente o corpo docente e os alunos ouvintes. O engajamento de todos em reconhecer a Libras como língua e utilizá-la permite a criação de um ambiente acolhedor, um espaço que dá voz a todos. Isso é defendido por Souza e Silva (2019) ao criticarem a cultura ouvintista e a falsa inclusão do aluno Surdo em uma sala monolíngue. Ainda segundo as autoras, a utilização de Libras pela comunidade escolar como um todo oportuniza a construção de um espaço bilíngue que possibilita a interação entre alunos Surdos e ouvintes reduzindo as barreiras na comunicação.

Renders e Oliveira (2020) sinalizam que, apesar dos marcos legais relacionados à inclusão e ao bilinguismo, a utilização da Libras por um único profissional conduz para o



monolinguismo, Libras para os alunos Surdos e português para os ouvintes. Nesse viés, as autoras defendem a necessidade de ampliar o acesso de ambas as línguas para todos, Surdos e ouvintes. Contudo, a presença das duas línguas não diminui a importância do profissional.

Nesse sentido, defendemos a necessidade de se desenvolver ações que oportunizem o aprendizado e a utilização da Libras por ouvintes: coordenadores, professores, colaboradores, alunos e todos que fazem parte da comunidade escolar. Ao mesmo tempo, reconhecemos a necessidade e importância da presença dos TIL's como mediadores na sala de aula. Pensando nisso, o presente trabalho busca responder a seguinte questão: Como o projeto “Sinaliza Já”, desenvolvido pelo professor de matemática André Liboreiro, contribuiu para o desenvolvimento de um espaço bilíngue e para a chegada do TIL em uma escola de Cariacica - ES?

### **Libras no Brasil**

Consideramos pertinente tecer alguns apontamentos sobre os avanços que ocorreram na educação para Surdos no Brasil. Essa análise indica que a luta pelos direitos e inclusão da pessoa Surda provocou diversas conquistas, especialmente no campo educacional. Ressaltamos, contudo, que algumas metodologias e concepções do passado, como o oralismo, ainda estão presentes na sociedade e, em alguns casos, dificultam o aprendizado da Libras.

A primeira instituição específica para Surdos no Brasil foi o Imperial Instituto de Surdos-Mudos (ISM), criado após o professor surdo francês Eduard Hue apresentar a proposta ao imperador D. Pedro II em 1857 (RODRIGUES; GONTIJO, 2017). De acordo com Schmitto et al (2013) o instituto foi criado no dia 26 de setembro de 1857, data em que se comemora o dia Nacional dos Surdos, e tinha como objetivo oferecer educação intelectual, moral e religiosa. Em 1861, Hue saiu do país com o intuito de ensinar Surdos no México e assim o instituto foi absorvido pela estrutura governamental da época e em 1868 ganha o título de asilo para Surdos, já que o este não cumpria com os objetivos educacionais. Lopes e Abreu enfatizam o retrocesso ocorrido na educação dos Surdos após o congresso de Milão em 1980. Até esse momento, tanto a língua de sinais (método Francês) como o oralismo (método Alemão) eram empregados. Mas, nesse evento, ouvintes decidiram impor o oralismo e proibir qualquer forma de gesticulação negando a Língua de Sinais como língua e excluindo a comunidade Surda da tomada de decisão. Ainda segundo as autoras, essa nova opressão envolvia, inclusive, amarrar as mãos de alunos Surdos para que não gesticulassem. Além disso, profissionais foram incentivados a publicar trabalhos que respaldassem a superioridade do oralismo e apresentassem a Língua de Sinais



como uma barreira no aprendizado dos alunos com surdez. Assim, a concepção por trás dessa metodologia é de que os surdos precisam se adaptar à comunidade ouvinte, ao que é definido como “normal”. Essa visão nega a cultura surda, sua língua e seus direitos de acessibilidade (SCHMITTO, *et. al.*, 2013).

Esse cenário se prolonga até 1960 quando Willian Stokoe inicia seus estudos sobre a Língua de Sinais Americana (ASL) e percebe uma estrutura similar à que é encontrada nas línguas orais. De acordo com Lacerda (1998), Stokoe concluiu que os sinais possuem três parâmetros: o lugar no espaço onde o sinal é realizado, a configuração das mãos e o movimento. Toda essa estrutura comprovou que a língua de sinais não é mera gesticulação, mas uma verdadeira língua. Pesquisas como as de Stokoe e os prejuízos causados pela oralização levaram a uma nova tendência em 1970 denominada “comunicação total”. Conforme Shmitto (2013) a comunicação total envolvia o uso da língua de sinais, o oralismo e a escrita simultaneamente. Apesar de suas limitações, esse momento representa um avanço quando comparado ao oralismo.

Depois de diversas lutas pelo Brasil e pelo mundo chegamos ao bilinguismo, defendido pelos documentos oficiais e responsável pelos avanços na aprendizagem dos Surdos. O bilinguismo valoriza a Libras como língua e incentiva a criação de materiais e programas acessíveis. A pessoa Surda aprende a Libras como primeira língua e depois o português na forma escrita, enquanto os ouvintes também são incentivados a utilizar a Libras (SCHMITTO, *et. al.*, 2013).

## METODOLOGIA

Essa pesquisa se caracteriza como qualitativa, assim, parte da concepção de que há uma relação entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos. Além disso, não buscamos destacar valores estatísticos como evidência dos resultados obtidos, mas, buscamos descrever o contexto em que os sujeitos estavam envolvidos e as mudanças ocorridas após a intervenção (PRODANOV; FREITAS, 2013). Dentro da pesquisa qualitativa, optamos pela pesquisa-ação, uma intervenção social/educacional com o intuito de resolver um problema, nesse caso, a falta de um TIL para a aluna Surda e o monolinguismo em sala de aula (ENGEL, 2000).

O projeto “Sinaliza Já” foi desenvolvido e aplicado pelo professor de matemática André Liboreiro em uma escola da rede municipal do município de Cariacica, no estado do Espírito Santo, para turmas do Fundamental II. A iniciativa de aplicá-lo surge da inquietação do



professor diante da ausência de TIL na escola o que dificultava a interação e o aprendizado de sua aluna Surda. Assim, além de promover um ambiente bilíngue e incentivar o desenvolvimento intelectual e cultural dos alunos, havia a necessidade de reivindicar um profissional para acompanhar a aluna Surda.

A coleta de dados foi realizada pelo professor André Liboreiro, pesquisador responsável pelo projeto, o qual fez uso de anotações das observações durante a realização das etapas.

<b>Etapas</b>	<b>Descrição</b>	<b>Objetivo</b>
Apresentação e Planejamento	Planejamento das atividades a serem propostas e apresentação para a equipe de gestão da escola	Planejar a abordagem do tema com os alunos e apresentar a necessidade de tratar o tema, identificada pelo professor, para a gestão escolar.
Aula no Dia Nacional da Libras - (24/04/2019)	Ministrou-se uma aula sobre Libras para todas as turmas.	Identificar a Libras como segunda língua oficial do Brasil e dialogar sobre a importância da inclusão de pessoas Surdas na escola.
Aulas de Matemática usando Libras	Utilização de sinais em Libras durante as aulas de matemática.	Permitir a interação da aluna Surda com o restante da turma e promover um ambiente bilíngue.
Mobilização da Comunidade Escolar	Conscientização da importância da Libras no ambiente escolar.	Reivindicar um TIL para a aluna Surda.
Aulas de Libras uma vez por semana	Os alunos passaram a assistir a uma aula de Libras por semana.	Familiarizar os alunos com os sinais de saudações e com o conceito de sinal. Auxiliar aos alunos a se comunicarem em Libras.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No dia Nacional da Libras, a aula ministrada reuniu cerca de 150 alunos e estes tiveram contato com essa língua e receberam uma aula introdutória sobre alfabeto, saudações e números. Esse momento inicial surtiu um efeito muito positivo nos alunos, uma vez que começaram a tentar reproduzir os sinais e aprenderam a realizar comunicações simples. O



contato com a Libras incentivou sua valorização por parte dos ouvintes e desfez seu estigma de desconhecida, pois não foi mais encarada como algo restrito apenas a aluna Surda e ao professor. Segundo Silva e Sousa (2019) o contato com a Libras impacta de forma positiva os alunos:

A cultura ouvintista ainda é muito vista como única, o que faz com que muitas pessoas ainda acreditem que a língua de sinais é somente gestos ou uma simples interpretação da língua oral, mas isso não é verdade, ela é uma língua natural e própria dos surdos, que utilizam da especificidade da natureza linguística através de seus métodos de comunicação e suas identidades culturais para realizarem sua comunicação (SILVA; SOUSA, 2019, p. 115).

Quando se fala sobre colocar em prática o que está contido nos documentos oficiais a respeito de um ensino bilíngue e sobre a inclusão do aluno Surdo na escola, é necessário ultrapassar a crença de apenas abrir espaço para que o aluno Surdo esteja na escola, para incluí-lo na turma junto aos demais alunos. Levar a Libras para dentro do ambiente escolar possibilita estabelecer tal contato e iniciar essa interação. A visibilidade do uso da Libras na escola contribuiu para a mobilização da comunidade escolar, o que resultou na chegada de um TIL em agosto de 2019. No mês seguinte, um professor Surdo passou a ministrar aulas de Libras uma vez por semana.

Nesse sentido, notamos que incentivar o uso da Libras por alunos ouvintes é uma experiência enriquecedora também para a comunidade escolar o que, infelizmente, não ocorre em todas as instituições. Na realidade, observamos que após a superação do oralismo, promover um ambiente bilíngue é o próximo desafio a ser superado, como aponta Renders e Oliveira:

Nos tempos contemporâneos, no entanto, pela contribuição dos estudos culturais, se reconhece as habilidades culturais e linguísticas das pessoas surdas e legitima-se o uso da sua língua materna nas escolas. Todavia, o que se vê é que persistem as práticas do monolinguismo no contexto social e escolar, com a defesa do uso exclusivo de uma modalidade linguística em detrimento da outra, o que dificulta o reconhecimento de ambas nas práticas educativas. Tal fato tem levado ao desperdício da oportunidade da experiência bilíngue nas instituições educacionais (RENDERS, OLIVEIRA, 2020, p. 6).

As aulas semanais de Libras e a utilização dos sinais pelo professor de matemática permitiram que os alunos ampliassem seu vocabulário e se sentissem mais à vontade para se



comunicar em Libras. Essa prática também contribuiu para que a inclusão realmente acontecesse em sala de aula, uma vez que, somente a inserção do Tradutor Intérprete de Libras, sem criar uma interação com o docente, não possibilita a inclusão. Segundo Porto *et. al.* (2019, p. 376) garantir a presença de um TIL em uma aula com alunos surdos não é o ponto de chegada, mas o ponto de partida para que a educação seja minimamente acessível.

O avanço ficou evidente na mudança de comportamento dos alunos da turma. Eles começaram a pedir para beber água e ir ao banheiro utilizando sinais e um dos resultados mais significativo foi o fato de tentarem se comunicar com a aluna Surda por meio da Libras. Além disso, o professor regente conseguiu deixar claro que ele era o professor da aluna Surda, cabendo ao TIL apenas auxiliar na mediação do diálogo. Silva e Sousa (2019) sinalizam que quando o aluno Surdo não é compreendido pelo professor e não consegue desenvolver nenhuma interação com ele por causa da barreira linguística, ele passa a questionar e expor suas dúvidas apenas ao intérprete. Como resultado, a função é delegada a esse profissional que acaba sendo sobrecarregado com ações que não fazem parte de sua atribuição.

O engajamento dos alunos com a Libras levou ao desenvolvimento de materiais didáticos inclusivos para as aulas de matemática, utilizando de elementos mais visuais e manipuláveis, o que permitiu que o ensino de matemática tivesse maior sentido para a aluna Surda. Isso vai ao encontro da pesquisa de Silva e Souza (2019) que entrevistaram TIL de uma escola municipal na cidade de São Bernardo (MA) com o intuito de compreender os desafios enfrentados por esses profissionais. As respostas apresentadas por esses profissionais “demonstraram o caráter unânime sobre a alegação de que a maior dificuldade que os alunos enfrentam é a falta de recursos visuais, que se utilizados facilitaria no processo de ensino e aprendizagem” (SILVA; SOUSA, 2019, p.122).

Através de relato do professor de matemática, e de outros professores que trabalharam com os alunos paralelamente ao projeto, mensurou-se de forma qualitativa o bem-estar da aluna Surda que passou a se engajar mais nas atividades e a participar juntamente com o grande grupo das propostas de sala de aula.

Segundo outros professores que lecionam na escola, o projeto Sinaliza Já foi muito importante para a sensação de pertencimento da aluna Surda e para visibilidade dela no contexto escolar: “Acho que a primeira coisa que foi possível notar com a chegada do professor de Libras e da intérprete foi que a aluna passou a ser mais vista na escola, tanto pelos alunos quanto pela gestão escolar e os profissionais da escola. A aluna estuda na escola desde pequena e mesmo assim tinham outras crianças na escola que não sabiam da presença de uma aluna surda naquele



ambiente” - relata o professor João de ciências. Houve uma maior interação e interesse dos alunos em aprender Libras, tanto em turmas com alunos Surdos ou na ausência deles. A chegada do professor intérprete de Libras proporcionou uma comunicação mais fluida entre o professor e a aluna, sendo o intérprete essencial na mediação dessa relação professor aluno.

Os professores que dividiam as turmas com André também perceberam melhora no desenvolvimento da aluna surda. Eles relatam a melhora na integração da aluna com a comunidade escolar, tanto na participação nas aulas como na interação com os outros colegas que, motivados a aprender Libras, a procuravam para se familiarizar ainda mais com o novo idioma em desenvolvimento.

É possível analisar que os relatos dos professores, mesmo ministrando disciplinas distintas, se convergem quando a pauta é o ensino da Libras nas escolas. É unanimidade que uma escola comprometida com a inclusão demonstra avanços significativos no envolvimento dos alunos com o novo aprendizado.

A professora de português Beatriz cedia uma vez por semana o início da sua aula para que o professor de Libras pudesse ensinar elementos básicos aos alunos. Foi dessa forma que a professora encontrou um meio de colaborar com o projeto na escola. Por meio dessa iniciativa, Beatriz pôde testemunhar o envolvimento dos alunos e a melhora do desempenho da aluna surda em suas aulas: “Acompanhar o desenvolvimento e interesse deles refletiu na minha prática em sala de aula.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da Libras como parte do cotidiano dos alunos de uma escola da Rede Municipal de Cariacica no Espírito Santo proporcionou uma mudança do ambiente escolar e a visualização e cumprimento, de fato, da inclusão na escola, presente nos documentos oficiais que regem a educação nacional. Através de ações pontuais o professor André conseguiu integrar os alunos, e a comunidade escolar, proporcionando um ambiente mais acolhedor a aluna surda. Tais ações refletiram na visão da comunidade escolar sobre o tema e isso assegurou a chegada de um Tradutor Intérprete de Libras para a escola, e possibilitou aulas de Libras semanais com um professor surdo.

A forma de se desenvolver o trabalho evidencia o planejamento necessário para envolver a todos no ambiente. Iniciou-se com um contato entre os alunos e a Libras, proporcionando a valorização dela, em seguida houve uma contínua utilização para





familiarização de toda a comunidade, gerando uma mobilização de todos e, por fim, após a vinda do TIL, deu-se continuidade ao trabalho. É importante destacar que o envolvimento de outros professores com o tema, paralelamente, maximizou esse impacto positivo.

A inclusão depende de um trabalho contínuo e que envolva toda a comunidade para que seja verdadeiramente inclusiva. Quando se desmistifica a surdez e a comunicação entre ouvintes e surdos, é possível criar um ambiente compartilhado de fato.

Seria interessante, vendo o tamanho impacto que a inclusão real pode ter no desenvolvimento dos alunos, estudar quais os passos para se inserir o trabalho com a Libras nas demais disciplinas da escola, para mobilizar um planejamento voltado para o design universal, aulas mais visuais e repertórios mais dinâmicos que atendessem a todos os discentes.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi construído a muitas mãos e por isso é necessário agradecer a todos. Agradecemos aos professores Beatriz e João, que cederam seu tempo para agregar com depoimentos ao trabalho e um agradecimento especial ao professor André que se disponibilizou a documentar seu trabalho e a, juntos, construir esse artigo. Por fim agradecemos ao Grupo de Trabalho de Educação Inclusiva da rede Ensina Brasil que proporcionou nosso encontro e fez com que nos dedicássemos à coleta, análise e divulgação de boas práticas voltadas para uma educação inclusiva efetiva.

## REFERÊNCIAS

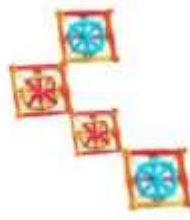
ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educar**, n. 16, 2000.

LACERDA, C. B. F. de; Um pouco sobre a história da educação dos surdos. Cadernos CEDES (46), Antropologia e educação: interfaces do ensino e da pesquisa. Ed. Papirus, São Paulo, 1998.

LOPES, A. C. A. C.; ABREU, S. E. A. O congresso de Milão (1880) como marco histórico cultural na educação de Surdos no Brasil. **Revista Educação**, Ciência e Inovação, V. 2, n. 2, 2017.

PORTO, N. S. G.; RIOS, D. F. O que dizem os Tradutores Intérpretes de Libras sobre a relação com os professores de Matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, V. 12, n. 29, 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.



RENDERS, E. C. C.; OLIVEIRA, A. C. Os desafios da abordagem bilíngue no espaço tempo escolar mediações sígnicas acessíveis para surdos. **Rev. Tempos Espaços Educ.**, V.13, n. 32, 2020.

RODRIGUES, E. G.; GONTIJO, C. M. M.G. Descentralização da educação de surdos no Brasil e seus desdobramentos no Espírito Santo. *Educação e Pesquisa*, V. 43, n. 1, 2017.

SCHMITT, D.; BECHE, R. C. E.; SELL, F. S. F. Língua brasileira de sinais: caderno pedagógico. 2 ed. Florianópolis: DIOESC:UDESC / C E A D, 2013.

SILVA, M. C. G.; SOUSA, R. L. C. Desafios e possibilidades dos tradutores intérpretes de Libras em sala de aula regular: um estudo de caso nas escolas municipais de São Bernardo-MA. **Web - Revista Sociodialeto**, V. 10, n. 28, 2019.

VERAS, V. C. S.; OLIVEIRA, J. F.; SOUZA, J. B.; MARTINS, A. L. C. F.; FERREIRA, A. P. C.; FERREIRA, A. M. C. O desempenho do intérprete de Libras em sala de aula. **Revista Psicologia & Saberes**, V. 9, n. 17, 2020.